

A REIFICAÇÃO DAS RELAÇÕES SOCIAIS: FRAGMENTAÇÃO DAS SUBJETIVIDADES NO PROCESSO DE PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DO CAPITAL

LA REIFICACIÓN DE LAS RELACIONES SOCIALES: FRAGMENTACIÓN DE LAS SUBJETIVIDADES EN EL PROCESO DE PRODUCCIÓN Y REPRODUCCIÓN DEL CAPITAL

THE REIFICATION OF SOCIAL RELATIONS: FRAGMENTATION OF SUBJECTIVES IN THE PROCESS OF PRODUCTION AND REPRODUCTION OF CAPITAL

Ana Paula Monteiro de Carvalho¹

José Deribaldo Gomes dos Santos²

Josefa Jackline Rabelo³

Resumo: O objetivo do artigo é recuperar, dos escritos do jovem Lukács, a categoria da Reificação; forma mais desenvolvida de alienação. A categoria explica a capacidade da sociabilidade capitalista em apropriar-se das subjetividades, na evolução da produção e reprodução social, garantindo-lhe a paradoxal longevidade destrutiva. O objeto foi analisado a partir das premissas do método onto-histórico estruturado por Marx, que investiga a gênese e o desenvolvimento da sociedade que reduziu o ser social ao movimento de produção das mercadorias. A investigação aponta para processos reificadores que dificultam a apreensão da totalidade, imprescindível para a autoconsciência do ser social como produtor de sua realidade.

Palavras-chave: Alienação. Reificação. Totalidade.

Resumen: El objetivo del artículo es recuperar, de los textos del joven Lukács, la categoría de la Cosificación; forma más desarrollada de la alienación. La categoría explica la capacidad de la sociabilidad capitalista en apropiarse de las subjetividades, en la evolución de la producción e reproducción social, el que garantiza su contradicción de la longevidad destructiva. La ponencia indica para los procesos de cosificación que impiden la aprehensión del todo, indispensable para la autoconciencia del ser social como productor de su realidad.

Palabras clave: Alienación. Cosificación. Totalidad.

Abstract: This article's objective is to recover the category of Reification, a more developed form of alienation, from a young Lukacs's writings. The category explains the capacity of capitalist sociability to appropriate subjectivities in the process of production and social reproduction, which guarantee the destructive longevity's paradox. The object was analyzed from the premises of the ontological method structured by Marx, through his investigations about the genesis and development of society that reduced the social being as part of the movement of the commodities' production. The investigation stand out to reifying processes, which make difficult the apprehension of the totality, essential for the self-consciousness of the social being as producer of its reality.

Keywords: Alienation. Reification. Totality.

Introdução

A sociabilidade moderna é resultante de um longo processo histórico que engendrou formas de apropriação privada do excedente da produção, gerando a divisão social do trabalho, onde a maioria produz a riqueza social e uma minoria, controladora dos meios de produção, expropria essa riqueza. Mas como uma maioria se submete à vontade da minoria e permite ser expropriado da riqueza que produz? Existem várias determinações e mediações que produzem essa realidade, mas apresentaremos uma

categoria de análise que, em nossa compreensão, revela com mais precisão os mecanismos de dominação objetiva e subjetiva do ser social, demonstrando com mais clareza que a alienação não é um estado da consciência individual, mas o resultado de uma totalidade concreta, ou seja, resultado de relações de produção objetivas que se capilarizam em todos os complexos sociais, invertendo a relação sujeito-objeto, na qual o sujeito submete-se às suas criações históricas.

A análise apresentada apoia-se nas investigações marxianas, aprofundadas pelas investigações lukacsianas (2003)⁴ e recuperadas por José Paulo Netto (1981), demarcando mais um momento da busca em compreender os obstáculos à formação da massa crítica necessária para a superação dos limites da sociedade produtora de mercadorias.

Reificação e mundo da mercadoria: fundamentos

Em um exercício de movimentação do abstrato ao concreto, privilegamos o texto lukacsiano de juventude e o resgate teórico de José Paulo Netto (1981), que compreende a Reificação como um achado extremamente robusto, considerando sua capacidade de explicar a progressiva adaptabilidade e capacidade de sobrevivência do capitalismo, atuando profundamente em mentes, corações, estômagos e fantasias, dificultando, ao apropriar-se das subjetividades, a elaboração das alternativas necessárias a sua superação histórica.

O pensador húngaro recupera a dimensão de totalidade da análise marxiana que considerou a mercadoria, enquanto relação social, o problema central da sociabilidade capitalista. Sem a compreensão da totalidade, a mercadoria não pode ser vista como relação que permeia toda a sociabilidade; implicando não somente na produção de objetividades, mas também de subjetividades, a partir da sua inédita universalização na sociedade burguesa. Na aparência, as mercadorias circulam e estabelecem relações, dissimulando as relações essenciais que as produziram pelo trabalho humano. É o fetiche da mercadoria, “[...] específico do capitalismo moderno” (LUKÁCS, 2003, p. 195). Esse achado de Marx emergiu nas investigações lukacsianas sobre os processos que dificultam a formação da consciência do proletariado. A consciência coisificada pelo fetiche da mercadoria foi denominada por Lukács de Reificação.

A descoberta da Reificação foi possível pela análise crítica do percurso histórico que tornou as relações de troca, a forma dominante de mediação social. Recuando aos modos de produção escravista e servil, foi possível à Marx compreender que as relações de dominação surgidas aí eram explícitas, personalizadas, e a mercadoria se apresentava como portadora de valor social imediato para atendimento às necessidades humanas, ou seja, como portadora de valor de uso. Havia a troca mercantil, mas não havia o fetiche da mercadoria (LUKÁCS, 2003, p. 198). Somente com o surgimento do trabalho assalariado, viabilizador da liberdade de mercantilização da força de trabalho e dos seus produtos, a Reificação torna-se possível. O valor de uso dos bens produzidos pelo trabalho perde sua importância fundamental de atender às necessidades humanas, priorizando-se o valor de troca. E como o objetivo do trabalho passa a ser exclusivamente a produção de mercadorias para trocá-las sistematicamente, independente de serem necessárias ou não, as qualidades humanas do trabalhador vão se perdendo, se separando do próprio

trabalho. Não importa, por exemplo, que o sujeito seja um habilidoso artesão, ou se a sua atividade exige dele apenas uma sequência qualquer de movimentos repetitivos. Suas habilidades estão separadas das muitas horas de trabalho alienado que ele é obrigado a executar para receber o salário. Na aparência, esse trabalhador é livre, pois pode dispor (vender) de sua força de trabalho, diferente do escravo ou do servo. É livre para uso da classe capitalista.

Da universalização do trabalhador “livre” para vender sua força de trabalho, podemos inferir que nos demais modos de produção, pela relação direta de exploração e dominação, os opressores precisavam ser divinizados de alguma forma para dificultar os movimentos de resistência. Essa divinização foi perdendo a função na medida em que as relações foram administradas e mediadas pela objetividade da produção de mercadorias. A consolidação do trabalho assalariado, sem as amarras físicas do escravismo e do servilismo feudal, exige o permanente e progressivo controle dos processos de trabalho à revelia das capacidades e vontades do trabalhador, fragmentando o sujeito interiormente, não permitindo a ele reconhecer-se no objeto que produz. E não poderia reconhecer-se, pois, de fato, o trabalhador não participa do processo de trabalho em sua integralidade, é força de trabalho trocada por salário. Sua criatividade, sua visão de mundo, sua individualidade não têm relevância, salvo aquelas consideradas úteis à produção. Lukács (2003, p. 204-205) nos lembra a descoberta marxiana de que o ser humano, enquanto força de trabalho à venda, é nivelado à quantidade de tempo de atividade necessária à produção da mercadoria. O ser humano não é mais o produtor criativo de sua existência, sua capacidade de produção agora é uma padronização abstrata calculada pelo tempo; é apenas trabalho abstrato. O ser humano se reduz a esse tempo personificado. O sujeito que trabalha transforma-se em expectador do próprio processo de trabalho, que se objetivou como mercadoria, mas a mercadoria circula e dissemina seu fetiche, com implicações para toda a vida social. É a Reificação.

A relação desse sujeito com os outros sujeitos é mediada pelas regras do processo produtivo, nas quais, classes dominantes e dominadas passam a agir, pensar e sentir a partir da lógica da produção, como se fossem engrenagens de um mecanismo. Essa estrutura se reproduz cotidianamente e inviabiliza a formação de uma comunidade autêntica que produza para a realização e desenvolvimento dessa própria comunidade: “[...] a mecanização da produção faz deles [os sujeitos] átomos isolados e abstratos” (LUKÁCS, 2003, p. 205-206). É evidente que a atomização dificulta a associação dos sujeitos, na medida em que, mesmo que consigam compreender a estrutura que os oprime, não conseguem construir os laços necessários ao enfrentamento e superação da estrutura. O individualismo é uma consequência lógica da mercantilização da força de trabalho, já que a individualidade é sufocada pela concorrência salarial; portanto, incapacita-os de se conectarem aos outros seres humanos, impedindo-lhes de reconhecerem-se na generidade. Lukács recupera do Livro 1 de *O Capital*, o grande diferencial do modo de produção capitalista, em comparação aos outros modos de produção, no qual este consegue “[...] substituir por relações racionalmente reificadas as relações originais em que eram mais transparentes as relações humanas” (LUKÁCS, 2003, p. 207). Essa despersonalização das relações entre proprietário e produtor na forma social do capital é a “liberdade” de automercantilização resultante do surgimento do trabalho assalariado. A conexão com a alteridade, com o outro, que tem sua gênese na produção da existência de

forma coletiva, perde o que Lukács chama de “produção orgânica” (2003, p. 205). Esse trabalhador coletivo é totalmente diluído no modo de produção capitalista, ora na atomização, ora na massificação, o que facilita o controle social.

O filósofo húngaro, apoiando-se em reflexões de Marx na *Ideologia alemã*, demonstra que o movimento universalizado da mercadoria penetra de forma tão profunda na consciência dos homens, conseguindo alterar até mesmo a essência mais imediata das coisas. Um proprietário de terras não considera a terra como parte da natureza, mas como mercadoria, como valor de troca, relação da consciência reificada e reificadora que se desdobra em múltiplas formas.

O processo de coisificação do outro promove a autocoisificação, mais complexa, que dessensibiliza os sujeitos para a consciência de sua posição nas relações de produção, pois essa posição só é percebida como propriedade de coisas, incluindo propriedade do mando e do saber. Um processo objetivo. Mas como produzir e reproduzir a atomização do indivíduo, limitando-o à apreensão caótica e fragmentada de sua realidade? Lukács nos dá mais alguns elementos.

Os sistemas parciais como mecanismo de coisificação do ser social

O conhecimento acumulado no processo de desenvolvimento das forças produtivas não consegue se colocar a serviço da emancipação do ser social e restringe-se à instrumentalização meramente funcional. Como consequência, o paradoxal controle necessário à produção se constitui, como racionalidade, apenas no âmbito de *sistemas parciais* que, conforme Lukács (2003, p. 246), autonomizam-se, perdem-se da totalidade social fundada pelo trabalho.

A Reificação é tratada pelo autor como fenômeno objetivo, com descrição dos mecanismos que geram o domínio das consciências, além de apresentar de forma magistral o movimento dialético entre uma totalidade irracional em contradição com a racionalidade construída pela própria lógica do movimento da mercadoria. Essa racionalização surge das demandas mercantis, ou seja, é o próprio fetichismo que transforma a racionalização em processo autorreferente, a serviço de sua própria reprodução. Ao recuperar a célula social do capitalismo, o movimento da mercadoria, Lukács apresenta-o como gênese da Reificação. O autor (2003, 207-208) vivencia o contexto taylorista, expressão mecânica e racionalizada sem precedentes do processo produtivo, até aquele momento. Isso exigiu análise mais severa e enfática desse fenômeno e explicita a contradição racionalidade-irracionalidade do processo de reprodução do capital:

[...] a separação do produtor dos seus meios de produção, a dissolução e a desagregação de todas as unidades originais de produção, etc., todas as condições econômicas e sociais do nascimento do capitalismo moderno agem nesse sentido: substituir por relações racionalmente reificadas as relações originais em que eram mais transparentes as relações humanas. [...] isso significa que o princípio da mecanização racional e da calculabilidade deve abarcar todos os aspectos da vida. Os objetos que satisfazem as necessidades não aparecem como os produtos do processo orgânico da vida de uma comunidade. Por um lado, são vistos como exemplares abstratos da espécie, que por princípio são idênticos aos seus outros exemplares e, por outro, como objetos isolados, cuja posse ou ausência dela depende de cálculos racionais.

Lukács recupera a totalidade, o movimento histórico-dialético da realidade. Sem a apreensão desse movimento, não é possível compreender a possibilidade de superação a partir das contradições sociais. A descoberta da relação irracionalidade-racionalidade no metabolismo social capitalista só é possível com os fundamentos do pensamento dialético.

Nesse sentido, Lukács afirma a paradoxal irracionalidade da racionalização capitalista, pois a anarquia dominante da concorrência pela extração do mais-valor, de fato, não pode ser administrada. Somente é administrada na aparência, na circunscrição dos sistemas parciais, cuja gênese na divisão do trabalho se autonomizam, fragmentando ainda mais a divisão do trabalho, criando múltiplas especialidades (LUKÁCS, 2003, p. 226-227).

Diante das várias fraturas da realidade, Lukács (2003, p. 285) define a compreensão reificada do mundo como segunda natureza que impede o homem de ser plenamente ser social. Desvelar a segunda natureza que aprisiona o ser social nos ajuda a compreender as formas sociais alienadas, construídas historicamente. Essas formas reificadas criam uma nova submissão à natureza, mas uma natureza criada pela humanidade. Em sua obra de maturidade, *Ontologia do Ser Social*, Lukács (2013) analisa o desenvolvimento das teleologias secundárias, em que as relações entre os homens criam inúmeras formas de convencimento necessárias à reprodução social, mas relativamente autônomas da esfera da produção. Considerando as teleologias secundárias criadas a partir da forma social capitalista, contributivas para dissimulação dos nexos causais criados pelo complexo do trabalho, podemos inferir que a segunda natureza criada pelo homem, afirmada por Lukács em *HCC* e reafirmada na *Ontologia*, é a própria Reificação que se apropria da subjetividade, circunscrevendo os limites teleológicos às necessidades do capital.

Seguimos com Netto (1981, p. 16) que avança no desenvolvimento da categoria, demonstrando que o processo de Reificação explica a plasticidade e a longevidade do modo de produção capitalista como forma de “manutenção funcional do capitalismo tardio”. E defende que, sem compreender a totalidade, não é possível a unidade entre teoria-prática (NETTO, 1981, p. 16-21). Nesse sentido, podemos afirmar que a principal dificuldade do pensamento pós-moderno em apreender a realidade é o seu princípio de negação da totalidade. A Categoria Reificação favorece a superação desse problema. Netto (1981, p. 29) resgata o conceito de Totalidade destacando que a partir dela pode-se constituir “teorias setoriais incidentes sobre os vários níveis do ser social”, apontando para os complexos sociais apresentados na obra de maturidade de Lukács. Teorias setoriais articuladas como componentes da totalidade são imprescindíveis para evitar o determinismo econômico e o esvaziamento da práxis que empobreceram o pensamento marxiano.

A origem da Alienação está na divisão social do trabalho e na apropriação privada da riqueza social. Essa fratura desdobra-se, constituindo-se como componente da reprodução do capital e apontando para o problema da Reificação (NETTO, 1981, p. 35). Marx, após longo esforço de abstração, reconstruiu o funcionamento da sociedade burguesa em suas complexas determinações, chegando à mercadoria como a “célula econômica da sociedade” em questão, revelando “o segredo de todas as formas burguesas do produto do trabalho” (MARX *apud* NETTO, 1981, p. 39). À medida que o movimento objetivo da

mercadoria se realiza, descolado das necessidades humanas autênticas, ele segue em seu próprio percurso de desenvolvimento, coisificando todas as relações humanas. Arrematando com as palavras de Netto: “O fetichismo mercantil passa a ser o fetichismo de todo o intercâmbio humano” (NETTO, 1981, p. 85). Reificação é, portanto, a forma expandida do Fetichismo.

É através da forma fenomênica da mercadoria que Marx descobre todas as categorias da sociedade burguesa. O movimento da mercadoria, seu processo de reprodução, revelam o “valor da função trabalho”, e este como “objetivação ontológica da prática sócio-humana” (NETTO, 1981, p. 39). O trabalho na sociabilidade burguesa, porém, encontra-se dissimulado pela igualdade artificial dos diversos trabalhos humanos envolvidos no processo de produção da riqueza social, através do mero cálculo do tempo (trabalho abstrato). Essa equivalência abstrata dos trabalhos humanos é que permite atribuir valor à mercadoria, criando a ilusão de que esta cria riqueza, e não o trabalho. A relação entre os trabalhadores passa, então, a ter como fundamento único a movimentação de mercadorias. O fetichismo implica diretamente na dificuldade de apreender o Real, ou seja, deixamos de reconhecer que a produção da realidade é feita pelo sujeito que trabalha na totalidade das relações sociais. Netto (1981), sintetizando as investigações marxianas, explica que é na reprodução do movimento da mercadoria, na repetição contínua, que se naturaliza a percepção de sua aparente centralidade, em detrimento do trabalho, ao mesmo tempo em que não se percebe o processo histórico que engendrou essas relações. Para superar o fetichismo é preciso recompor na práxis as unidades dialéticas que foram fraturadas pela Reificação, recompor a totalidade concreta, “recuperar a processualidade histórica” (NETTO, 1981, p. 43).

Também é preciso considerar a função social do dinheiro como equivalente universal. Netto (1981, p. 58) destaca, apoiando-se em Marx, a importância fundamental desse elemento. A alienação mediada pelo dinheiro não se dá apenas transformando o produto do trabalho em mercadoria na esfera da produção, mas em toda a atividade humana, que é ato social, que passa a acontecer em função do dinheiro. Essa concreção é importante para demonstrar que o fetichismo é uma forma de alienação específica da universalização da mercadoria. A Alienação é, pois, anterior ao fetichismo, e este é uma forma alienante surgida do desenvolvimento do modo de produção capitalista.

O principal diferencial da alienação da sociedade burguesa para a alienação das formas sociais anteriores é a ilusão de autonomia trazida pelo trabalho assalariado e pela propriedade privada. O movimento universalizado da mercadoria transforma, portanto, o ser social em uma coleção de proprietários, incluída a maioria de trabalhadores que acreditam na aparente propriedade de sua força de trabalho. Os sujeitos se enxergam isolados de sua coletividade, sem perceberem que estão presos a mecanismos de produção que não controlam. Essa ilusão de autonomia constitui diferença significativa frente às relações escravistas ou feudais (NETTO, 1981, p. 69).

Como resultado, o indivíduo da sociedade burguesa, mesmo o mais pauperizado, se entende desvinculado e, até mesmo, antagonista do conjunto social, em luta solitária para defender sua propriedade, mesmo que seja apenas sua única panela para cozinhar o feijão. Esse ser humano se vê, na maior parte de sua existência, como átomo social, com pouca capacidade de conhecer sua genericidade, sua força social. O reconhecimento acontece, na maioria das vezes, de forma reificada, nos chamamentos de

massa feitos pelo próprio capital através de seus aparelhos midiáticos. A consciência social enxerga-se isolada, imobilizada, não só no âmbito da atividade material, mas também no âmbito emocional e afetivo.

Lukács (2003, p. 208-209) lembra, contudo, que esse isolamento do indivíduo é apenas aparente, que ele é produzido pelo movimento da mercadoria, criador de um emaranhado de leis rigorosas, nos levando a naturalizá-las como estranhas aos sujeitos que produzem a realidade; novamente surge a segunda natureza:

[...] Essa atomização do indivíduo é, portanto, apenas o reflexo na consciência de que as 'leis naturais' da produção capitalista abarcaram o conjunto das manifestações vitais da sociedade, de que – pela primeira vez na história – toda sociedade está submetida, ou pelo menos tende, a um processo econômico uniforme, e que o destino de todos os membros da sociedade é movido por leis também uniformes... Dito de outra maneira, a confrontação imediata, tanto prática quanto intelectual, do indivíduo com a sociedade, a produção e a reprodução imediatas da vida – em que, para o indivíduo, a estrutura mercantil de todas as 'coisas' e a conformidade de suas relações com 'leis naturais' já existem enquanto forma acabada, como algo que não pode ser suprimido, só poderia desenrolar-se sob essa forma de atos isolados e racionais de troca entre proprietários isolados de mercadorias. [...] é típico da estrutura de toda a sociedade que essa auto-objetivação, esse tornar-se mercadoria de uma função do homem revelem com vigor extremo o caráter desumanizado e desumanizante da relação mercantil.

A atomização explica também o sucesso do pensamento pós-moderno na atualidade, já que se traduz, de forma geral, como culto ao isolamento do indivíduo deprimido ou superpoderoso, em uma tentativa equivocada de defesa frente à realidade desumana que percebem. Descrevem com riqueza de detalhes os efeitos da sociabilidade capitalista sem reconhecê-la como tal, sendo incapazes de compreender sua gênese, já que recusam a totalidade social. Sem condições de apresentar soluções, só restou ao pensador pós-moderno o imobilismo, a depressão, a barbárie, exercendo importante função no processo de reprodução da sociabilidade capitalista: o não reconhecimento do gênero humano como realidade concreta. O distanciamento indivíduo-gênero, resultante da Reificação, serve à reprodução metabólica do capital, fortalecendo seus resíduos: o individualismo e a indiferença.

Retornando à síntese marxiana feita por Netto (1981), demonstra-se que a origem da alienação em qualquer sociedade está na apropriação privada dos excedentes da produção da riqueza social, formadora da divisão de classes. Consideramos de fundamental importância a distinção entre Alienação e Reificação defendida por Netto. Compreender a Reificação como a forma social mais desenvolvida da Alienação, específica da sociabilidade capitalista, ajuda a analisar a longevidade, o aperfeiçoamento contínuo da produção-reprodução destrutiva promovida pelo capitalismo, criador da ilusão de sua insuperabilidade.

A grande questão é o desvelamento de uma organização, de um ordenamento essencial que está dissolvido na aparência caótica do cotidiano, como se o cotidiano fosse apenas “factualidade social”, a percepção desta, como momento aparente, leva ao resgate das investigações de outro frankfurtiano: Marcuse. Netto reconhece que uma das características mais tangíveis da Reificação é a administração total da vida social, compreendida por Marcuse (NETTO, 1981, p. 84). Esse processo de administração da vida é sintetizado, de forma precisa, na passagem a seguir:

A organização capitalista da grande indústria moderna modela a organização inteira da sociedade macroscópica, impinge-lhe os seus ritmos e os ciclos, introduz com a sua lógica implacável o relógio-de-ponto e os seus padrões em todas as micro organizações.

A osmose generalizada dessa lógica institucionaliza até os ‘mundos paralelos’ – ela os instrumentaliza a todos, inclusive aqueles que se arrogam o projeto de um romântico escapismo. E mesmo as organizações que se colocam como razão de ser e teleologia a sua ultrapassagem carregam o seu selo indelével – hierarquias, estratificações, centralismos, fluxos dirigidos de informação – sem o que se lhes volatiliza qualquer chance de eficácia (NETTO, 1981, p. 82).

Apesar da brevíssima análise aqui apresentada, fica clara a importância da categoria na manutenção autorreprodutiva da forma social capitalista. A administração da vida, ou seja, determinante-determinado do processo de coisificação alcança a todos, em todos os lugares, mesmo depois do término da jornada de trabalho, nos momentos de descanso, de lazer, de intimidade. A Reificação não é, portanto, um mero efeito colateral do capitalismo, ela é uma cadeia de sua própria totalidade social, seu mecanismo primordial de sobrevivência, pois articula o movimento objetivo da mercadoria à formação da consciência social. É a Categoria que melhor demonstra a impossibilidade de humanização da sociabilidade capitalista, já que revela de forma explícita a relação essência-aparência no processo de coisificação do ser social.

Considerações finais

A sociabilidade atual, baseada na apropriação privada da riqueza produzida pelo gênero humano, apresenta-se à consciência social como a última forma histórica, e nesse sentido, cabendo aos indivíduos somente a adaptação à sua lógica, sem empreenderem esforços para entender os limites e a natureza desumana de seu metabolismo. Essa percepção não é um produto exclusivo da subjetividade, ela é resultante de relações sociais objetivas que apartaram o sujeito que produz de sua própria criação, dificultando a conexão do indivíduo com a sua generidade (humanidade). Diante disso, recuperamos uma categoria de análise capaz de desvelar uma série de determinações que comprovam o caráter irracional e destrutivo de uma sociedade que se desenvolve, paradoxalmente, impedindo o desenvolvimento pleno do ser social. Lukács chamou esse processo de Reificação, que se constitui da universalização do fetichismo da mercadoria, descoberta por Marx.

As determinações que engendraram a Reificação se revelam no movimento da mercadoria que parece ser inexorável, absoluto, porque compreendido apenas da perspectiva atomizada do indivíduo, desconectado da totalidade concreta que é o próprio processo histórico. Somente mediante a apropriação dessa processualidade será possível entender a Reificação não como determinismo absoluto, mas histórico, produzido coletivamente pelos homens e, nesse sentido, passível de superação. Os limites desse artigo nos permitem apenas apresentar a categoria de análise e a precária aproximação da aparência expressa pelo fenômeno e da essência que lhe subjaz. Lembrando que, para o materialismo histórico e dialético, a aparência é acesso para a essência, à realidade concreta. E concreto é, em uma perspectiva ontológica, riqueza de determinações. É descobrir o que faz o ser social ser o que ele é, a realidade produzida pelos homens em sua luta pela existência, e, portanto, dinâmica, sempre em movimento.

Referências

LUKÁCS, Gyorgy. **História e consciência de classe**. Tradução de Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Para uma ontologia do ser social I**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho, Mario Duayer, Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2012.

_____. **Para uma ontologia do ser social II**. Tradução de Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2013.

NETTO, José Paulo. **Capitalismo e Reificação**. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.

Notas:

¹ Mestre em educação pela Universidade Estadual do Ceará. Participante do Grupo de Pesquisa Trabalho, Educação, Estética e Sociedade (GPTRESS) do Programa de Pós-graduação em Educação da UECE. Professora da Educação Básica-Rede Pública do Estado do Ceará. Email: anapaulamoca@hotmail.com

² Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e do Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino (MAIE) da Universidade Estadual do Ceará. Coordenador do Laboratório de Pesquisa sobre Políticas Sociais do Sertão Central (LAPPS) e do Grupo de Pesquisa Trabalho, Educação, Estética e Sociedade (GPTRESS) do Programa de Pós-Graduação em Educação da UECE. Email: deribaldo.santos@uece.br

³ Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará (1992); mestrado em Educação pela Universidade Federal do Ceará (1997) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Ceará (janeiro de 2005). Pós-Doutora pela École des Hautes Études en Sciences Sociales - EHSS - Paris-França. Professora permanente da Linha de Pesquisa Marxismo, Educação e Luta de Classes do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará. Pesquisadora-Colaboradora do Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário - IMO do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará. Email: jacklinerabelo@uol.com.br

⁴ A obra *História e Consciência de Classe (HCC)*, publicada originalmente em 1922, foi uma coletânea de ensaios produzidos como autoesclarecimento, no período que chamou de “seu trabalho partidário” (LUKÁCS, p. 51). Em 1967, fez uma autocrítica sobre suas posições teóricas nessa obra. Desde então, *HCC* vem sendo ora tratada como curiosidade histórica na trajetória intelectual do autor; ora, como parte da construção do seu percurso ontológico do resgate do pensamento marxiano em seus fundamentos histórico e dialético.

⁵ Conforme apresentação de José Paulo Netto (LUKÁCS, 2012), a obra em questão foi resultado da tentativa lukacsiana de escrever uma ética. Para cumprir essa tarefa, o pensador húngaro necessitou investigar, antes de tudo, o ser. A redação teve provável término em 1968, com publicação integral somente em 1976 (em húngaro). Junto com a *Estética* (1960), a *Ontologia do Ser Social*, representou um importantíssimo passo na busca pelo renascimento do marxismo em suas bases originais.